

UMA ANÁLISE PARATEXTUAL DA OBRA “ARITHMETICA TEORICO-PRATICA”

MIRIAN MARIA ANDRADE¹, MAGNA PAULINA DE SOUZA FERREIRA¹

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Cornélio Procopio

<andrade.mirian@gmail.com>, <magna.3@hotmail.com>

DOI: 10.21439/conexoes.v9i4.984

Resumo. Este texto apresenta uma investigação, de natureza qualitativa, no âmbito da História da Educação Matemática, que teve por objetivo analisar a obra “Arithmetica: theorico-pratica” por meio de seus paratextos editoriais. Esta obra é datada de 1928 e a autoria é de André Perez Y Marin. Deste modo, o problema de pesquisa é descrito como: o que nos revelam os paratextos editoriais da obra “Arithmetica: theorico-pratica”, sobre a própria obra? É, portanto, sobre a teoria dos paratextos editoriais que nos fundamentamos teórica e metodologicamente para desenvolver nosso trabalho. A concepção de paratextos editoriais é apresentada por Gérard Genette e refere-se aos elementos que compõem, com o texto, um livro. Nesta pesquisa, analisamos os seguintes paratextos: a capa, o título, a contra capa, a dedicatória, os pareceres, o prefácio e o sumário. A partir deste nosso movimento analítico, podemos concluir que o autor fez várias contribuições para a sociedade, visto que essa não era uma de suas primeiras obras a ter destaque no âmbito educacional. O livro está bem estruturado, apresenta um cuidado com as explicações sobre os conteúdos abordados e atende as recomendações educacionais, no que se refere à matemática, da época.

Palavras-chaves: Arithmetica Teorico-Pratica. História da Educação Matemática. Paratextos Editoriais.

Abstract. This paper presents an investigation of a qualitative nature, within the History of Mathematics Education, which aimed to analyze the work "Arithmetica: theorico-practice" through its editorials paratexts. This work is dated 1928 and the author is André Perez Y Marin. Thus, the research problem is described as: what we reveal editorial paratexts the work "Arithmetica: theorico-practice" on the work itself? It is, therefore, under the theory of editorial paratexts which we base in theoretically and methodologically to develop our design editorial paratexts work. The design of editorials paratexts is shown by Gérard Genette and it refers to elements that compose it, with the text book. In this research, we analyze the following paratexts: the cover, the title, the back cover, the dedication, the opinions, the preface and the summary. From this our analytic movement, we can conclude that the author made several contributions to society, since this was not one of his first works to be featured in the educational field. The book is well structured, has a careful explanations of the content covered and meets the educational recommendations in regard to mathematics time.

Keywords: Arithmetic Theoretical-Practice. History of Mathematics Education. Paratexts Editorials.

1 INTRODUÇÃO

Envolvidos com a pesquisa em Educação Matemática, sobretudo, com a pesquisa em História da Educação Matemática, disparamos a intenção de realizar uma análise da obra “*Arithmetica: theorico-pratica*”, que é um livro antigo, cujo interesse se debruça sobre investigar o que nos revelam os paratextos editoriais da obra.

Essa obra é datada de 1928 e a autoria é de André Perez Y Marin. E para tecer a análise, do modo como pretendíamos, é sobre a teoria dos paratextos editoriais, de Gérard Genette, que nos fundamentamos teórica e metodologicamente para desenvolver nosso trabalho. Os paratextos editoriais referem-se aos elementos que compõem, com o texto, um livro.

Deste modo, o objetivo desta pesquisa se apresenta como: analisar a obra “*Arithmetica: theorico-pratica*” por meio de seus paratextos editoriais, verificando as contribuições que a análise paratextual pode trazer para a História da Educação Matemática, contribuindo assim para o fortalecimento e consolidação da referida linha de pesquisa. A partir destes objetivos traçamos nossa pergunta diretriz: *O que nos revelam os paratextos editoriais da obra “Arithmetica: theorico-pratica”, sobre a própria obra?*

O estudo de obras a partir dos seus paratextos editoriais, representa, para os pesquisadores em História da Educação Matemática, mais uma dentre várias outras possibilidades para se escrever histórias vinculadas a Educação Matemática, e possibilita aos pesquisadores a utilização das obras como objetos para realização de alguns projetos de investigação. Os paratextos desta obra, que foram por nós analisados são: a capa, o título, a contra capa, a dedicatória, os pareceres, o prefácio e o sumário.

A análise de livros vem despertando interesse entre pesquisadores que buscam entendê-los em suas inúmeras faces, como, por exemplo, Andrade (2012), Dassiê (2012). Nesse sentido, há alguns elementos do livro que podem ser utilizados como subsídio para uma análise em História da Educação Matemática devido à diversidade de fatos que eles revelam. Tais elementos são denominados, por Genete (2009), como paratextos editoriais.

Gérard Genette procede aos estudos das relações transtextuais e define a paratextualidade, como “aquilo que por meio de um texto se torna livro e se propõe como tal aos seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (p.09). Essa afirmação de Genette, nos permite entender os paratextos como formas de compreender um texto por meio de uma profunda ligação entre a estrutura que o envolve, contribuindo para que produza sentido.

A palavra paratexto é composta pelo prefixo grego para, que, conforme a etimologia de origem, indica algo que coloca perto de, ao lado de; algo que acontece paralelamente a outra coisa. Ao compor a nova palavra, sinaliza uma organização textual ao lado de outra, mantendo uma relação direta, de continuidade.

Andrade (2012) afirma que a leitura e a interpretação dos paratextos se tornam fundamentais no processo de compreensão da obra. Um paratexto pode comunicar uma informação, pode dar a conhecer uma intenção. Proceder a uma análise paratextual possibilita compreender informações contidas nesses elementos, possibilita entender a intenção manifestada por meio do paratexto. O objetivo da análise paratextual é analisar mais

de perto esses elementos que estão ao redor do “texto”.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico da nossa pesquisa debruça-se sobre a concepção de Paratextos Editoriais, ideia apresentada por Gérard Genette. “Paratextos editoriais” trata-se de uma concepção recente no campo de pesquisa em História da Educação Matemática. São poucos os trabalhos na área que versam sobre esse conceito. Andrade (2012) faz uma análise paratextual de uma obra de Lacroix: *Ensaio sobre o ensino em geral e sobre o de matemática em particular*. O pesquisador Bruno Dassiê, professor da Universidade Federal Fluminense - UFF, também desenvolve parte de suas pesquisas, em História da Educação Matemática, por meio da análise paratextual. Entre 2014 a 2015, por exemplo, este pesquisador coordenou um projeto intitulado: “Paratextos editoriais e livros didáticos de matemática: uma análise de suas funções”.

Neste texto, no entanto, para aprofundarmos a discussão sobre o nosso aporte teórico nos deteremos a expor e discutir a teoria apresentada, por Genete (2009), em sua obra intitulada *Paratextos Editoriais*. Abordaremos também as relações estabelecidas por Andrade (2012) sobre Paratextos e a Educação Matemática, mais especificamente, com a História da Educação Matemática.

A proposta dos paratextos de Genete (2009), dirige-se, mais propriamente, à análise de livros. Para este autor, “a obra literária consiste, exaustiva ou essencialmente, num texto, isto é (definição mínima), numa sequência mais ou menos longa de enunciados verbais mais ou menos cheios de significação” (p. 09). No entanto, para o autor,

[...] esse texto nunca se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: *para torná-lo presente*, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro (p. 09).

Segundo Genete (2009, p. 09), “um paratexto é aquilo que por meio de um texto se torna livro e propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público”. Ao se analisar os paratextos, o texto passa a ter um outro significado, sendo assim, um livro. Podem ser citados diversos elementos encontrados em um livro que podem ser classificados como paratextos. Por exemplo,

[...] o nome do autor, os títulos e os subtítulos, a data da obra, os releases, as dedicatórias, as epígrafes, a instância prefacial, as notas de rodapé, listas de obras do mesmo autor, notas do autor ou do editor, menções de preço, conversas e entrevistas sobre o livro, formato, correspondências ao autor, as ilustrações, as capas, os anexos etc (ANDRADE, 2012, p. 46).

Andrade (2012) afirma, ainda, que a leitura e a interpretação dos paratextos se tornam fundamentais no processo de compreensão da obra. De acordo com essa autora, um paratexto pode comunicar uma informação e pode dar a conhecer uma intenção. “Proceder a uma análise paratextual possibilita compreender informações contidas nesses elementos, possibilita entender a intenção manifestada por meio do paratexto” (ANDRADE, 2012, p. 48).

Afirmamos, portanto, que os elementos paratextuais têm necessariamente um lugar, se situam em relação ao próprio texto: em torno dele ou sobre ele. Quando eles aparecerem nos arredores do texto, no espaço do mesmo volume, como, por exemplo, os títulos de capítulos, o prefácio, estes são definidos como *peritextos*. Ainda em torno do texto, mas a uma distância mais respeitosa, todas as mensagens que se situam na externalidade do livro, como, por exemplo: um suporte midiático ou uma comunicação privada, a essa categoria chamamos *epitexto*. De modo geral, podemos afirmar que os *peritextos* (internos a obra) e os *epitextos* (externos a obra) dividem entre si o campo do paratexto, ou seja, *paratextos editoriais = epitextos + peritextos*.

Andrade (2012, p. 47) apresenta ainda, de acordo com Genete (2009), outras classificações que os paratextos podem assumir:

- **paratextos anteriores:** aqueles que surgem antes da publicação da primeira edição do livro. São, por exemplo, as propagandas que se fazem em torno do lançamento da obra, os anúncios de no prelo, panfletos;
- **paratextos tardios:** aqueles que aparecem apenas nas novas edições, ou seja, surgem mais tarde que a própria obra. Apesar dessa classificação, Genete coloca que os paratextos mais frequentes aparecem com o texto original.
- **paratextos ântumos:** que aparecem antes da morte do autor;
- **paratextos póstumos:** aqueles que aparecem após a morte do autor;
- **paratexto público:** são os paratextos destinados ao público em geral. Um release, uma entrevista, uma crítica são exemplos;

- **paratexto privado:** são paratextos dirigidos ao autor;
- **paratexto íntimo:** são mensagens do autor para si mesmo.

A literatura nos aponta que os paratextos nem sempre são lidos pelo leitor do texto e que não há, realmente, obrigatoriedade em lê-los (é comum, por exemplo, o leitor iniciar a leitura do texto sem ler o prefácio). Em muitos casos, o leitor nem tem acesso aos paratextos, principalmente àqueles externos à obra. Na nossa pesquisa, entretanto, são, justamente, os paratextos e as interpretações sobre eles que nos interessam. É, portanto, esse movimento analítico dos paratextos que poderá nos permitir traçar interpretações sobre a obra estudada, já que esses paratextos não estão na obra por motivos estéticos. Ou seja, acreditamos que eles têm pretensões que, quando esclarecidas, podem ajudar o leitor a compreender a escrita de um dado texto.

O paratexto permite que o leitor possa construir uma identidade para o mundo do autor, que ele possa transitar entre seu mundo, aquele outro mundo que a leitura cria, e o mundo que o autor pretendeu criar [...]. O “texto” por si só não é capaz de adaptar-se ao mundo do leitor, considerando que possíveis leitores nunca estarão situados nos mesmos tempos e culturas, lendo uma “mesma coisa” sob uma mesma ótica. É preciso possibilitar, então, que cada leitor, no âmbito de suas singularidades culturais, sociais, políticas e educacionais, construa uma aproximação do mundo que “se faz presente” na obra, atribuindo significados a ele de acordo com os parametrizadores que lhe são oportunos. Genete (2009), [...] afirma que o paratexto é um instrumento de adaptação e [...] que “não existe o verdadeiro sentido de um texto”. [...] a prática paratextual é nutrida pelo ponto de vista do autor, que não deve ser negligenciado e nem desconhecido por aquele que se propõe a analisar os paratextos (nem que seja para desprezá-lo) (ANDRADE, 2012, p. 271).

As considerações que seguem, sobre os paratextos editoriais, estão pautadas, todas, em Genete (2009) e Andrade (2012). É a partir delas que realizamos a análise que propusemos nesta pesquisa.

- **capa e anexos:** a capa, a página de rosto e seus anexos, podem apresentar ao público e ao leitor muitas indicações editoriais e autorais. As capas podem apresentar informações como, por exemplo: nome e pseudônimo do autor (ou autores); título(s) da obra; indicação genérica; nome dos tradutores ou dos prefaciadores, ou dos responsáveis pelo estabelecimento do texto e do aparato crítico; dedicatória; epígrafe; ilustração específica; endereço do editor; data; preço de venda e outros. A lombada traz, muitas vezes, o nome do autor, o

logotipo da editora e o título da obra. A cinta também pode ser considerada um paratexto, ou melhor, pode conter mensagens paratextuais e no início de seu uso ela era fechada (talvez para evitar o folhear dos livros nas livrarias). Na maioria das vezes a cinta é esquecida após um tempo.

- **páginas de rosto:** o paratexto editorial ocupa, ainda, todas as primeiras e últimas páginas da obra que, em geral, não são enumeradas. Essas páginas iniciais podem se apresentar em branco e recebem as diversas indicações editoriais, como o título da coleção, a menção das tiragens; a lista de obras do mesmo autor; e das obras publicadas na mesma coleção. A página de rosto contém, geralmente, além do título propriamente dito e de seus anexos, o nome do autor, o nome e o endereço do editor.
- **o nome do autor:** o nome do autor pode encontrar-se em três condições: o autor assina com seu nome de registro civil; ou assina com um nome falso (emprestado ou inventado), é o pseudônimo; ou não assina de forma alguma, é o anonimato. O nome de um total desconhecido pode indicar algo da identidade do autor: muitas vezes seu sexo, às vezes sua nacionalidade ou seu perfil social, ou seu grau de parentesco com uma pessoa conhecida. O nome do autor cumpre uma função de importância muito variável conforme os gêneros: fraca ou nula na ficção, muito mais forte em toda a espécie de escrito referencial, onde a credibilidade do testemunho, ou de sua transmissão, apoia-se amplamente na identidade da testemunha ou do relator.
- **os títulos:** podemos dividir o título em três elementos: título, o segundo título e o subtítulo. Assim, como o nome do autor, o título não teve, durante muito tempo, nenhum local reservado. Atualmente o título comporta quatro locais quase obrigatórios: a primeira capa, a lombada, a página de rosto e a página de antepágina, em que aparece sozinho e de forma abreviada. As funções do título parecem ter se estabelecido da seguinte forma: identificar a obra; identificar seu conteúdo; valorizá-lo, ou seja, um conjunto de signos linguísticos e que podem figurar na abertura de um texto para designá-lo, para indicar seu conteúdo global e para atrair o público visado. As três funções indicadas não estão todas necessariamente presentes ao mesmo tempo, só a primeira é obrigatória, sendo as outras duas suplementares.
- **as dedicatórias:** consistem em prestar uma homenagem numa obra a uma pessoa, ou a um grupo

real ou ideal, ou a alguma entidade de outro tipo. Em um livro quem assume as dedicatórias nem sempre são os autores, pois certas traduções são dedicadas pelo tradutor. Existem dois tipos de dedicatório: o privado e o público. O dedicatório privado é uma pessoa, conhecida ou não, do público, a quem uma obra é dedicada em nome de uma relação pessoal: de amigo, de família ou outra. O dedicatório público é uma pessoa mais conhecida no meio em que a obra se insere ou não, mas com quem o autor expressa, através de sua dedicatória uma relação de ordem pública: intelectual, artística, política ou outra.

- **as epígrafes:** é uma citação colocada, a vista, em destaque, geralmente no início da obra ou início de partes da obra. A prática da epígrafe se difundiu no transcorrer do século XVIII, quando foram encontradas no início de algumas grandes obras.
- **sumário:** no passado era bastante usual o sumário aparecer no final do livro. Aquele que escreve o sumário (o próprio autor, editor, ou ainda um outro indivíduo) cuida de dar ao leitor informações sobre o momento do texto em que são tratados alguns temas específicos.
- **instância prefacial:** é toda espécie de texto liminar (preliminar – prefácio - ou pós-liminar-posfácio), autoral ou alógrafa (escrita ou assinatura que uma pessoa faz a pedido e sob responsabilidade de outra), que consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede.
- **as notas:** uma nota é um enunciado de tamanho variável relativo a um segmento mais ou menos determinado de um texto, e disposto seja em frente, seja como referência a esse segmento. A nota pode aparecer em qualquer momento da vida do texto, por menos que a edição lhe ofereça a ocasião. Podem ser notas originais de primeira edição ou notas posteriores (que surgem ou são reformuladas nas edições seguintes da obra).
- **o epitexto público:** o epitexto sempre está em qualquer lugar fora do livro como, por exemplo, em jornais ou revistas, emissões de rádio ou televisão, conferências e colóquios, qualquer intervenção pública eventualmente conversada sob a forma de gravações ou textos impressos.
- **o epitexto editorial:** são cartazes ou anúncios publicitários, comunicados e outros prospectos. Há casos que o autor participa desse tipo de produção,

mas o autor normalmente o faz anonimamente, auxiliando a edição, redigindo textos que provavelmente se recusaria a assumir e que exprimem menos seu pensamento do que sua ideia do que deve ser o discurso editorial.

- **peritexto:** é tudo que se situa em torno do texto, no espaço do mesmo volume, como o título ou prefácio, e, às vezes, inserido nos interstícios do texto, como os títulos de capítulos ou certas notas, trazendo qualquer tipo de informação.
- **entrevistas:** a entrevista, como conversa é uma prática recente. Quando o escritor toma a iniciativa, ou aproveita a ocasião de uma entrevista para dirigir ao público uma mensagem que realmente lhe é cara, esse gênero pode funcionar como um vantajoso substituto do prefácio. A iniciativa da entrevista é do jornal, e o autor, que não espera dela mais que uma espécie de publicidade gratuita, submete-se a ela de maneira passiva e, aparentemente, sem grande motivação intelectual. Esta procede-se também, sem dúvida, mais de uma necessidade de informação do que de um verdadeiro comentário: uma vez lançado um livro é necessário que saibam de sua existência e que saibam do que se trata.
- **colóquios e debates:** é qualquer situação em que o autor é levado a dialogar, não mais com um interlocutor, mas com um auditório de algumas dezenas de pessoas, com ou sem gravação, ou projeto de publicação. Essa situação costuma apresentar-se no final de uma conferência ou quando o escritor é convidado a debater sua obra diante de um grupo de estudantes e de professores, ou ainda quando ocorre um colóquio expressamente organizado de um autor e a seu respeito.

Esses são alguns dos paratextos editoriais apresentados e discutidos em Genete (2009) e em Andrade (2012). Na nossa análise da obra, realizamos um estudo sobre esses elementos, sua presença ou ausência, buscando identificar o que esses elementos podem nos dizer sobre a obra “Arithmetica Theorico-Pratica”, do ano de 1928, com autoria de André Perez Y Marin.

3 METODOLOGIA

Segundo Andrade (2008) o termo pesquisar significa a procura de informações e a busca de respostas para algo de interesse. Ou seja, pesquisar, consiste na procura por informações com diligência, na busca minuciosa, na averiguação de algo que se tem interesse. Uma pesquisa surge de uma inquietação, de uma intenção e até

mesmo de uma curiosidade. Se recorrermos a dicionários de Língua Portuguesa o termo pesquisar é sinônimo de investigar. Investigar significa trabalhar com questões que provocam inquietude, para as quais se buscam uma solução.

Podemos citar, de acordo com essa autora, dois principais tipos de pesquisa: a quantitativa e a qualitativa. Nossa pesquisa é de cunho qualitativo, cujo foco do trabalho está concentrado na compreensão e interpretação de informações ou discurso, enquanto a pesquisa quantitativa versa sobre a análise de dados quantitativos, muito comuns em pesquisas na área de Estatística, por exemplo. Na pesquisa qualitativa o pesquisador não está interessado exclusivamente em um resultado final capaz de responder a um questionamento, mas, igualmente, se preocupa com o processo investigativo, com os significados atribuídos aos fatos e coisas.

No âmbito da pesquisa qualitativa, nossa proposta pode ser apontada como uma pesquisa de análise documental, que, de acordo com Lüdke e André (1986, p. 38), “busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse”.

Ao desenvolvermos um trabalho de pesquisa devemos optar por uma metodologia que possa nos conduzir na busca por compreender o objeto foco da investigação. Pensamos metodologia como um conjunto de procedimentos fundamentados, conforme comenta Garnica (2010, p. 31):

Metodologia não é um mero exercício técnico, um conjunto de procedimentos que o pesquisador desenvolve procurando resultados. Metodologia inclui, sim, um conjunto de procedimentos (cuja função é tornar mais sistemática a procura do pesquisador por compreender determinado objeto), mas, além disso, inclui uma fundamentação desses procedimentos.

Nesta investigação, ao analisarmos o livro “Arithmetica: theorico-pratica”, optamos como recurso metodológico a análise paratextual, ou seja, nossa intenção é desenvolver um exercício analítico de modo que possamos compreender o que nos revelam os paratextos editoriais sobre a obra e como se constituem junto ao texto como obra completa.

Mas por que escolhemos essa obra para ser analisada? Em um projeto anterior, cujos resultados podem ser consultados em Andrade e Rezende (2013), esta obra foi analisada a partir do Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade¹, com o objetivo de

¹A Hermenêutica de Profundidade (HP) surge, basicamente, como uma teoria de interpretação de textos, tomando textos em sentido amplo, isto é, um conjunto de símbolos que são criações humanas carregadas de intenções cujo significado é atribuído por aquele que o lê, num processo hermenêutico, interpretativo. Thompson (1995) propõe o Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade

mobilizar este referencial teórico metodológico. Este primeiro estudo, no entanto, revelou informações interessantes sobre este livro e, por isso, disparou a intenção de desenvolver um estudo, olhando, agora, para os paratextos editoriais da obra. Daí surge, então, a ideia central desta pesquisa. Olhando para a mesma obra, analisamos a atuação do autor, o título da obra, a capa, a contracapa, a dedicatória, os pareceres, o prefácio e o sumário. A partir dessa análise paratextual podemos, portanto, chegar a uma compreensão da obra e uma dada interpretação deste livro. Na sequência, deste texto, apresentamos os dados da nossa investigação. São recortes dos elementos paratextuais da obra “Arithmetica Theorico-Pratica”. Ao apresentá-los esboçamos nossa análise paratextual e esboçamos o que nos revelam os paratextos editoriais da obra sobre a própria obra.

4 ELEMENTOS PARATEXTUAIS DO LIVRO “ARITHMETICA “THEORICO-PRATICA”: UM MOVIMENTO ANALÍTICO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Neste momento apresentaremos os elementos paratextuais da obra analisada e ao apresentá-los, esboçamos nosso exercício analítico. Numa análise paratextual, geralmente, não buscamos, por exemplo, por eixos ou categorias de análise. Na análise paratextual trazemos à tona, um a um, os paratextos editoriais da obra e os analisamos, segundo nossos teóricos e informações autênticas sobre eles. A análise paratextual contribui legitimamente para tornar compreensível a “apresentação” e a “representação” da obra no mundo².

4.1 A obra

Essa edição do livro é a nona e foi publicada no ano de 1928. A primeira versão data de 1909. Percebemos, ao realizar uma rápida leitura que o texto encontra-se com a grafia vigente da época e, então, encontramos

para analisar a ideologia de formas simbólicas (construções humanas intencionais) nos meios de comunicação de massa. Oliveira (2008) apóia-se nessa ideia de Thompson e propõe o uso desse referencial como orientação metodológica para analisar textos didáticos, ou seja, Oliveira adapta a metodologia de interpretação de Thompson para um objeto específico de análise. Essa metodologia sugere três momentos analíticos, não estanques e nem lineares: a análise sócio-histórica, a análise formal ou discursiva e a interpretação/reinterpretação. Podemos afirmar que a HP se propõe a disparar uma análise do texto e do contexto da forma simbólica. No entanto, não é nossa intenção, neste texto, aprofundar a discussão sobre este referencial teórico metodológico, visto que ele não é abordado na pesquisa que aqui apresentamos. Para maiores informações sobre Hermenêutica de Profundidade sugerimos as leituras: Thompson (1995) e Andrade (2012).

²Não é nossa intenção, neste trabalho, estabelecer comparação desta obra com outras obras antigas (ou atuais) que abordam conteúdos matemáticos de mesma natureza.

termos cuja grafia não é mais usual nos dias de hoje, como, por exemplo: Minas Geraes, theorico, gymnasio, profissionaes.

4.2 A capa

A capa, conforme apresentada na Figura 1, nos revela que essa obra é referente à nona edição. Nela consta o título, “Arithmetica Theorico-Pratica” e logo após a apresentação do título há a informação de que o livro contém toda a matéria dos programas de ginásios e do colégio Pedro II (que foi uma tradicional instituição de ensino público federal localizada no Rio de Janeiro e é o terceiro mais antigo dentre os colégios em atividade no país). Logo em seguida há o nome do autor, destacadas em letras maiúsculas, ANDRÉ PEREZ Y MARIN e deixa claro que ele era professor, antes mesmo de anunciar seu nome.

Após o nome do autor temos a seguinte informação: “lente cathedratico de mecanica e astronomia do GYMNASIO DO ESTADO EM CAMPINAS e ex-lente de Arithmetica e Algebra do mesmo Gymnasio”³.

Ainda na capa há a informação de que a obra foi aprovada pelo governo do Estado de São Paulo e pelo Conselho Superior de Instrução Pública do Estado de Minas Gerais, adotado em um grande número de ginásios, escolas de comércio e escolas normais do Brasil. Está identificado também que a obra foi revista e melhorada, o que é comum nas novas edições⁴. Há um símbolo, logotipo da editora, com o local de edição, São Paulo, acompanhado pela seguinte escrita: “Escolas Profissionaes do Lyceu Coração de Jesus”, “Alameda Barão de Piracicaba, 38-A” e, por fim, o ano de sua publicação, 1928. Entendemos que essas últimas informações referem-se ao endereço da editora.

4.3 O título

De acordo com Genete (2009), “o título, como se sabe, é o ‘nome’ do livro e, como tal, serve para nomeá-lo, isto é, designá-lo com tanta precisão quanto possível e sem riscos demasiados de confusão” (p. 76). Ainda sobre a função do título, Genette comenta que “há títulos literais, que designam, sem rodeio e sem alusão, o tema ou o objeto central da obra [...]” (p. 78). Por meio do nome que o autor dá a esse seu livro ele nos revela o que será possível encontrar em seu texto conteúdos de aritmética. Trata-se, portanto, de um título curto e preciso.

³Lente cathedratico era o título que se atribuía a professores titulares de escolas superiores ou Liceus.

⁴Não é foco do nosso trabalho, verificar as alterações e permanências nas edições da obra.

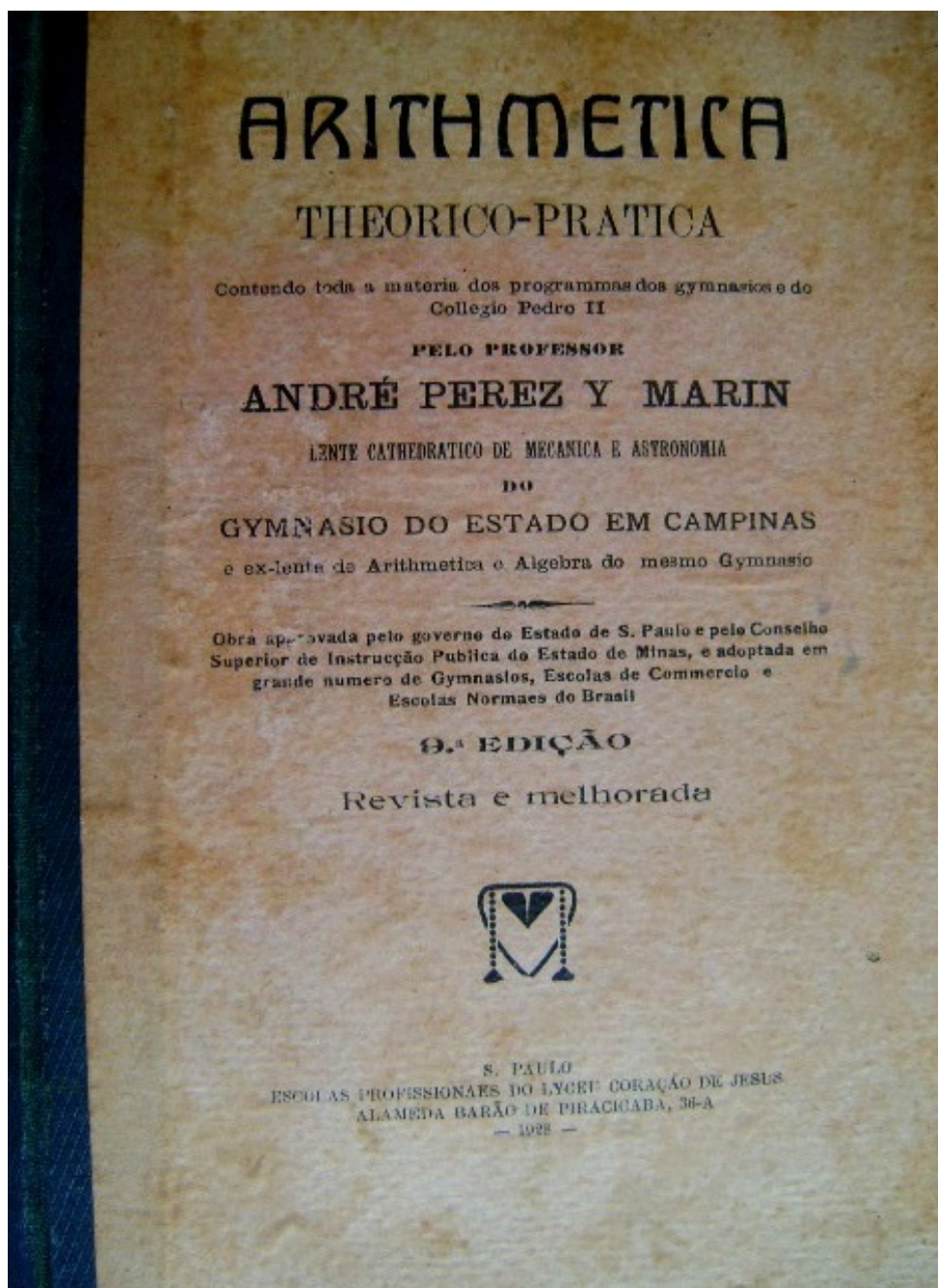


Figura 1: A capa⁵.

4.4 Página de rosto

Após a capa temos uma folha em branco e em seguida há uma folha (página de rosto) que contém as mesmas informações colocadas na capa e o logotipo da editora. Ao virarmos a página, no verso da folha, encontramos alguns pareceres do Conselho Superior de Instrução Pública do Estado de Minas Gerais.

4.5 Os pareceres

Parecer nº 19

No parecer de número 19, Figura 2, observamos que o Conselho Superior elogia o livro, e considera que o mesmo, por atender os currículos da época, pode ser adotado para os ginásios e escolas normais.

O elogio mencionado se faz por meio da inserção da informação “é um bom livro”, atribuindo uma qualidade à obra, que poderia, por exemplo, influenciar na escolha pelo seu uso nas escolas da época. Além disso, atribuiu à obra as características: “claro, methodico e intuitivo”.

Parecer nº 30

No parecer de número 30, Figura 3, temos a informação que decidiu-se aprovar uma outra obra do mesmo autor, *Elementos de Álgebra*, para que fosse usada nos estabelecimentos de *Instrução secundaria do Estado*, reconhecendo o valor que a referida obra tem. Neste caso, podemos dizer que o parecer 30 é um elemento paratextual interno da obra *Arithmetica: theorico-pratica*, um peritexto, e é um epitexto da obra *Elementos de Álgebra*.

Os dois pareceres foram emitidos na mesma data, 09 de outubro de 1909, data da primeira edição da obra. Assim, consideramos que essas informações foram mantidas nas demais edições da obra.

Acompanhado dos pareceres, conforme Figura 4, temos a informação de que todos os exemplares da edição serão numerados e assinados pelo autor, considerando-se uma obra não original o exemplar que carecer deste requisito. Deste modo, podemos afirmar que a obra que temos em mãos é uma obra original, pois traz essa assinatura do autor e a indicação de ser o livro de número 6661. Essa informação nos faz refletir sobre a questão, tão comum nos dias atuais, do número de tiragem da obra. Nos parece que a obra era bastante requisitada/utilizada, visto que esse exemplar nos comunica que trata-se de quase 7 mil volumes desta edição (que é a nona). A assinatura nos parece ser feita uma a uma nos exemplares. Não se trata de uma assinatura digital. Essa informação nos revela também que havia, desde aquela época, uma preocupação quanto à re-

produção não autorizada (ou exemplares clandestinos, como afirma a nota) das obras e buscava-se por alternativas que pudessem evitar tal prática.

4.6 Prefácio

O autor divide o prefácio em seis partes e em cada uma delas ele aborda o tema que será visto na obra. Na primeira parte o autor apresenta os números inteiros e decimais, e afirma que não os tomará separado.

Na segunda parte apresenta as operações fundamentais como sendo seis, pela seguinte razão: as operações aritméticas se reúnem em dois grupos: operações de composição e operações de decomposição; ao primeiro pertencem a adição, a multiplicação e a potenciação; ao segundo, a subtração, a divisão e a radiciação. Afirma, o autor, que deve-se admitir duas únicas operações fundamentais: a de composição e a de decomposição, ou então, as seis em que essas duas se subdividem. Afirma, também, que foi este último critério que adotou nesta obra.

Na terceira parte o autor trata das seis operações fundamentais e não separa o estudo da potenciação e da radiciação, como se faz de costume. Afirma que, por isso, estas não dependem de novos princípios, diferente dos que presidem as quatro primeiras estudadas. Acrescenta, ainda, não existir dificuldade alguma na passagem racional da multiplicação e da divisão para a potenciação e a radiciação, respectivamente.

Na quarta parte o autor afirma ter colocado uma série graduada e bastante numerosa de exercícios, por estar convencido de que a resolução ordenada, metódica e completa de exercícios e problemas é indispensável a inteligência do aluno, para que ele possa se orientar bem no campo da matemática e para que a matéria estudada tenha uma aplicação racional e imediata.

Na quinta parte o autor afirma que na resolução de todas as questões adotou, de preferência, o método analítico⁶, como sendo o mais natural e adequado ao desenvolvimento do raciocínio, sem aliviar o método sintético⁷, de grande utilidade nas aplicações da vida prática. O autor coloca que o método sintético, pelo seu caráter empírico, não possui valor educativo, constitui, no entanto, um complemento imprescindível, não só pela necessidade de resumir em breves preceitos a operação analítica, que exige longo raciocínio, como, ainda, pela inapreciável comodidade que proporciona nos usos da vida prática.

⁶No método analítico as ideias mais simples são as primeiras ideias particulares que nos vêm pela sensação e pela reflexão, cujo significado central estão nos termos resolução e composição.

⁷O método sintético tem significado central na composição, caminhando sempre do simples ao composto.

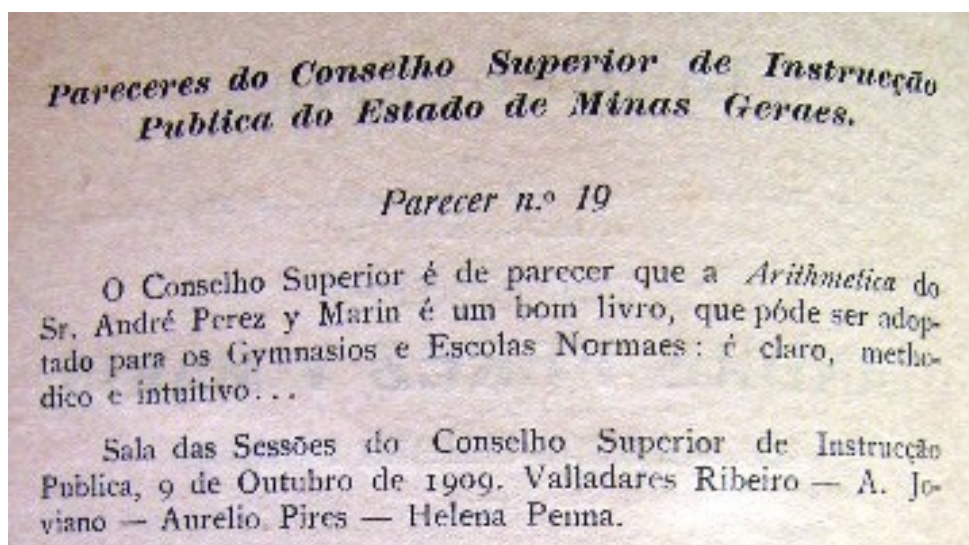


Figura 2: Parecer 19.

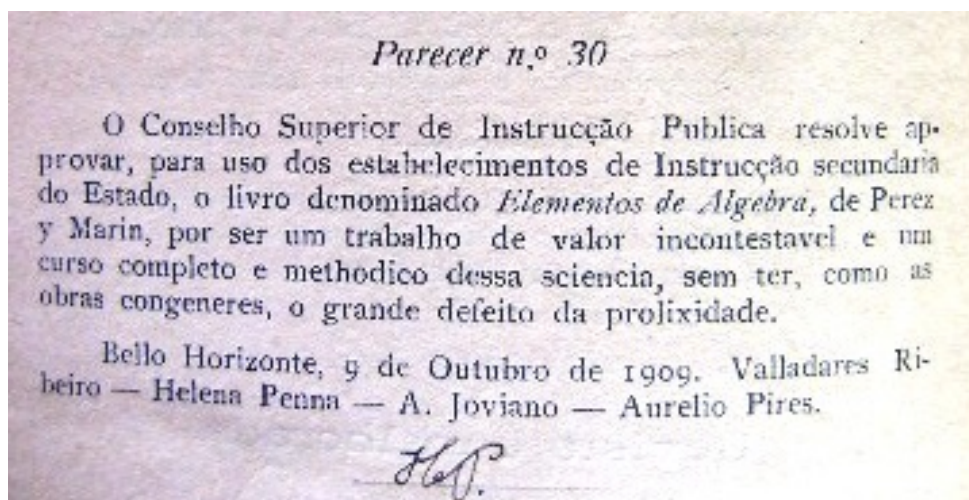


Figura 3: Parecer 30.

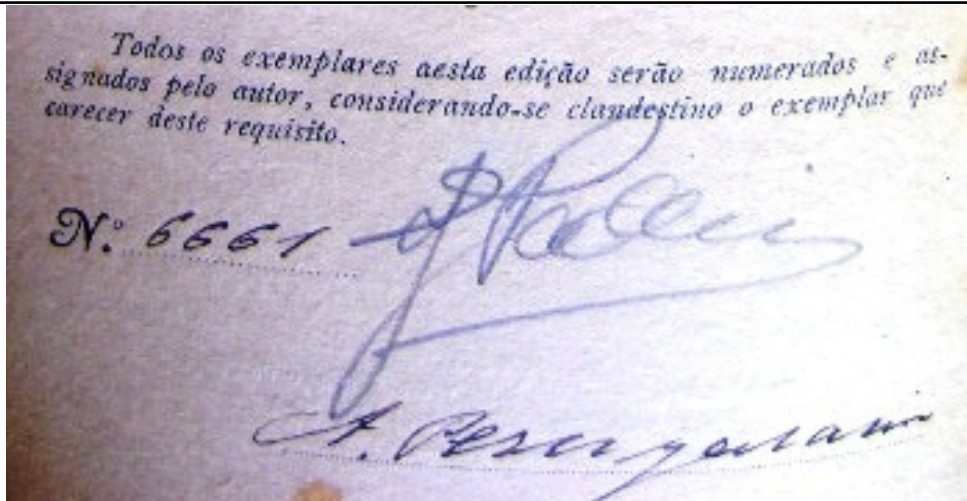


Figura 4: Assinatura dos exemplares

Na sexta e última parte do prefácio, o autor destina a obra principalmente aos cursos primários e secundários e aponta que o livro está desenvolvido com maior clareza que lhe foi dado empregar, tão somente a parte mais essencial e útil da aritmética.

Para finalizar o prefácio, no último parágrafo, o autor coloca que com as explicações dadas, acredita poder entregar o resultado de seu esforço ao juízo dos competentes. Afirma que a finalidade de tal obra é: auxiliar alunos e estudantes deste primeiro ramo da matemática, e, assim, se julgará recompensado.

4.7 Explicação necessária

Nessa parte do livro o autor explica algumas mudanças que fará na nova edição da obra. Uma delas é a de substituir as teorias estudadas em álgebra, pois afirma que essas se encontram em todas as edições anteriores da obra, por outros pontos mais próprios da Aritmética e de reconhecida utilidade, tais como os números aproximados e as operações abreviadas, que o autor afirma serem de grande uso e importância nas aplicações da vida prática e que foi colocada no fim da obra como suplemento.

O autor informa, também, que foi realizada uma revisão cuidadosa, no intuito de se livrar de qualquer imperfeição por pequena que fosse. Deste modo, foram modificados os dados de muitos problemas, uns para que ficassem de acordo com os preços atuais dos gêneros, outros para que os resultados em números inteiros ou decimais fossem exatos, melhorando a teoria e esclarecendo alguns exercícios.

4.8 Extratos de algumas opiniões da imprensa sobre o livro

De acordo com as Figuras 5, 6 e 7, notamos que a obra foi bastante elogiada. O livro recebe assim uma credibilidade satisfatória. Tendo em vista esta quantidade de elogios, pode-se considerar a grande contribuição que o autor trouxe para a sociedade da época.

4.9 Dedicatórias

Na última página da instância prefacial, antes de se começar os capítulos dos conteúdos, temos algumas mensagens dedicatórias colocadas do autor para um amigo e de um amigo para o autor.

Como observamos na Figura 8, o autor da obra faz uma homenagem a um amigo, deixando registrado o nome dele em prova de amizade e gratidão. Trata-se, portanto, de um dedicatário privado, pois revela uma relação de amizade. No entanto, podemos dizer, também, que trata-se de um dedicatário público, visto que Alberto Sarmento, o amigo a quem se dedica, teve grandes influências na sociedade ao longo de sua vida. Em 1897, foi eleito deputado estadual, em 1903 foi convidado para ser chefe da polícia de São Paulo e no período de 1909 foi reeleito.

Trata-se de uma dedicatória privada⁸. Há, no entanto, outra dedicatória nesta obra e não se caracteriza como sendo uma dedicatória do autor para um destinatário, a mensagem é de uma segunda pessoa, Arnaldo de Oliveira Barreto, que elogia o autor pelo

⁸Essas informações estão disponíveis em <<http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com.br/2008/01/personagem-albertosarmento.html>>

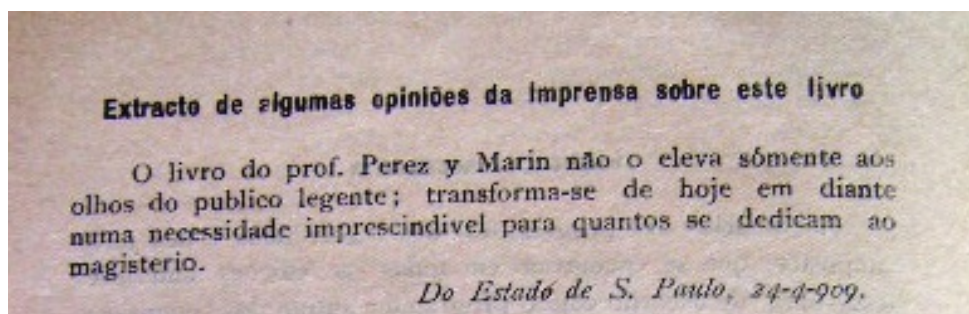


Figura 5: Opiniões da imprensa.

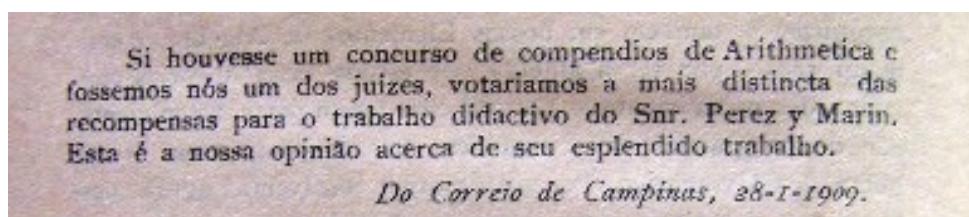


Figura 6: Opiniões da imprensa.

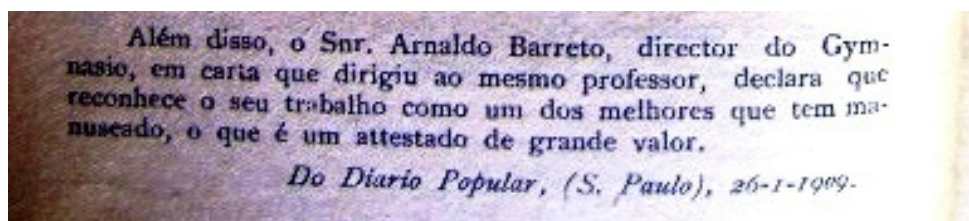


Figura 7: Opiniões da imprensa.

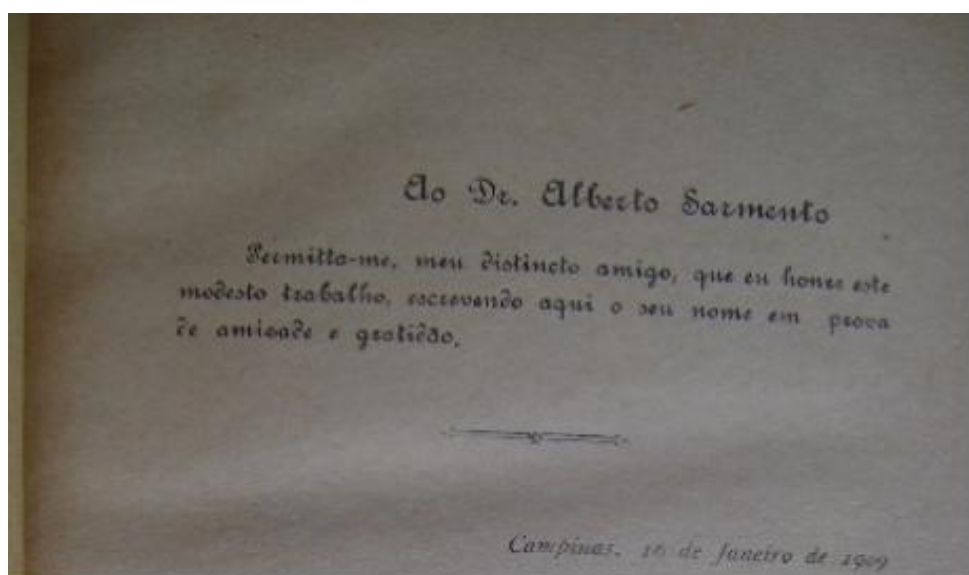


Figura 8: Dedicatória 1.

trabalho realizado, deixando registrado no livro o seu nome. Arnaldo de Oliveira Barreto⁹ foi uma das presenças mais decisivas do ensino secundário e primário de São Paulo. Desde o início de sua carreira docente preocupou-se com a educação. Escreveu alguns livros destinados às crianças, como, por exemplo: Cartilha das Mães e Leitura Moraes.

4.10 Sumário

Essa obra não possui sumário no início, mas sim no final do livro, denominada pelo autor de “Índice”. Na primeira divisão do sumário desta obra (Preliminares, Numeração decimal) o autor apresenta a Parte I e suas respectivas subdivisões também enumeradas, com o título que trabalhará em cada sequência. Na parte II (Operações fundamentais, Sistemas de numeração), o autor localiza as páginas que se encontram na obra e, ao fazer as subdivisões da parte II, também localiza onde elas se encontram. O autor usa as mesmas ideias para dividir as próximas partes da obra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE NOS REVELAM OS PARATEXTOS EDITORIAIS DA OBRA?

Após este exercício analítico, em que nos propusemos a analisar os paratextos editoriais da obra, podemos apontar o que eles nos revelam sobre a obra.

Já na capa, temos informações sobre o nome do autor e suas atribuições, a data de edição da obra, e o título objetivo que nos revela o conteúdo a ser tratado. Deste modo, descobrimos que o autor do livro, André Perez Y Maryn, era professor com título de escolas superiores, ocupando cargos na área de mecânica e astronomia e havia ocupado um cargo na área de Aritmética do Ginásio do estado em Campinas.

O livro que havia publicado sua nona edição, continha, então, toda a matéria exigida pelos programas dos ginásios e do Colégio Pedro II. Ou seja, o livro atendia aos pré-requisitos da educação, nessas instituições, da época. Essas informações também nos revelam que se tratava de uma obra aceita por alguns órgãos que aprovavam esses livros à época (aprovada pelo governo do Estado de São Paulo e pelo Conselho Superior de Instrução Pública de Estado de Minas) e adotada em grande número de ginásios, escolas de colégio e escolas normais do Brasil. Assim, tem-se uma ideia do quanto a obra teve influência na educação do início do século XX.

Verificamos, por meio dos pareceres, que se tratava de um bom livro, atribuindo qualidade e importância à obra. Esses pareceres nos permitem averiguar que o autor já havia escrito outras obras, e que a obra denominada Elementos de Álgebra também havia sido aprovada pelo Conselho Superior. Podemos observar, a partir disso, que o autor já tinha outras obras que também foram referência para educação.

Olhando, ainda, para os pareceres, temos a informação de que todos os exemplares da época seriam assinados pelo autor, considerando, assim, não original o exemplar que não apresentasse essa assinatura. Parece-nos que a obra era bastante requisitada/utilizada, visto que esse exemplar nos comunica que se trata de quase 7 mil volumes desta edição (que era a nona). Revela-nos uma prática comum da época: o autor assinar um a um, manualmente, os livros e numerá-los, tendo como um dos objetivos, evitar cópias não autorizadas das obras.

No prefácio da obra, classificado como instância prefacial, que é toda espécie de texto preliminar, o autor faz uma pequena divisão, explicando rapidamente alguns conteúdos que se trabalhará durante a obra, deixando claro os assuntos que estão contidos nela e porque os apresenta deste modo. O autor também usa elementos paratextuais para informar ao leitor sobre as alterações realizadas nesta edição da obra.

Encontramos, também, nessas primeiras páginas, algumas opiniões da imprensa sobre o livro. São várias delas e notamos que a obra foi muito elogiada no meio em que circulava. O livro recebe, assim, uma credibilidade satisfatória. Tendo em vista esta quantidade de elogios podemos considerar a contribuição que o autor trouxe para a sociedade da época.

Por meio das dedicatórias, verificamos que André Perez Y Marin, faz uma homenagem ao amigo Alberto Sarmiento, que teve grandes influências na sociedade e recebe uma homenagem de Arnaldo de Oliveira de Barreto (professor de escolas primárias e secundárias da época e autor de obras infantis).

O sumário aparece somente nas últimas páginas do livro e, segundo Andrade (2012) era um caso comum na época. Nesta seção o autor divide o livro em partes, indicando as páginas em que essas partes se encontram no corpo do texto e os respectivos assuntos abordados em cada uma delas.

Podemos concluir que o autor trouxe várias contribuições para a sociedade, visto que essa não era uma de suas primeiras obras a ser bem recebida no âmbito educacional. O livro está bem estruturado, pois apresenta um cuidado com as explicações sobre os conteúdos tratados na obra e atendia às recomendações educacionais, no que se refere à matemática, da época.

⁹Informações disponíveis em <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaio/LiteraturaInfantil/arnaldo.htm>>

5.1 Sobre Paratextos Editoriais e a História da Educação Matemática

Os paratextos permitiram que nos debruçássemos mais propriamente sobre a estrutura interna da obra. Os paratextos nos remetem a uma possibilidade de conexão entre texto e contexto, promovendo parâmetros para produzirmos/atribuirmos significados a esse entrelaçamento que se torna componente estruturante de um projeto maior: o projeto hermenêutico. Podemos afirmar, portanto, que a análise paratextual pode contribuir legitimamente para tornar compreensível a “apresentação” e a “representação” da obra no mundo, ou seja, tornar compreensível o seu modo de se presentificar num emaranhado composto por texto, contexto e paratexto.

5.2 Para concluir...

A historiografia da educação, como ocorre a todo projeto historiográfico contemporâneo, parece permitir-se fragmentar em diversas especializações. É possível, neste campo, estudar desde políticas educacionais até a memória de um docente específico; analisar níveis e modalidades de ensino; conteúdos e pretensões dos livros didáticos e paradidáticos; as impressões de egressos e de pais de alunos; instituições; a educação indígena ou de outros grupos específicos; o mobiliário e a arquitetura escolar, cursos clássicos e os emergenciais; grupos não-institucionalizados; métodos, currículos e ideias pedagógicas etc (CURY, 2011, p. 08).

Cury se vale dessas palavras para inscrever seu trabalho como um estudo em História da Educação Matemática. O autor ressalta que, no âmbito da História da Educação, é legítimo o esforço de estudar livros de hoje e de ontem. Acreditando nisso, vemos que nossa análise da obra *Arithmetica Teorico-Pratica* nos permitiu escrever histórias da educação matemática a partir da análise de um livro antigo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. *Ensino e aprendizagem de estatística por meio da modelagem matemática: uma investigação com o ensino médio*. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, 2008. 193 f.
- ANDRADE, M. M. *Ensaio sobre o ensino em geral e o de matemática em particular, de Lacroix: análise de uma forma simbólica a luz do referencial metodológico da hermenêutica de profundidade*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, 2012. 281 f.
- ANDRADE, M. M.; REZENDE, B. L. F. Um exercício de análise da obra “*arithmetica theorico-pratica*” a partir do referencial metodológico da hermenêutica de profundidade: uma contribuição à história da educação matemática. In: PUCPR. *Anais do XI Encontro Nacional de Educação Matemática – ENEM*. Curitiba, 2013. Disponível em: <<http://enem2013.pucpr.br/2013/07/19/anais-do-xi-enem>>. Acesso em: 16 jun. 2014.
- CURY, F. G. *Uma história da formação de professores de Matemática e das Instituições formadoras do Estado de Tocantins*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2011.
- DASSIE, B. A. Da fragmentação à fusão: os primeiros livros didáticos no Brasil denominados de matemática. *Perspectivas da Educação Matemática*, v. 5, p. 2–27, 2012.
- GARNICA, A. V. M. Um ensaio sobre história oral: considerações teórico-metodológicas e possibilidades de pesquisa em educação matemática. *Quadrante*, Lisboa, XVI, p. 27–49, 2010.
- GENETE, G. *Paratextos Editoriais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009. 376 p. Original francês. Tradução de Álvaro Faleiros.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1986. p. 11–24.
- OLIVEIRA, F. D. *Análise de textos didáticos: três estudos*. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, 2008.
- THOMPSON, J. B. *Ideologia e Cultura Moderna teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.